



**Formação de Candidatas(os) em
Políticas para Mulheres**





**Formação de Candidatas(os) em
Políticas para Mulheres**



José Luiz Penna

Presidente Nacional

Eduardo Brandão

Vice-presidente e Secretário de Administração

Alvaro Dias

Líder no Senado

Sarney Filho

Secretário de Assuntos Parlamentares

Evandro Gussi

Líder na Câmara

Evair de Melo

Vice-líder na Câmara

Sandra Menezes

Vice-presidente

Edson Duarte

Vice-presidente

Carla Piranda

Secretária de Organização

José Carlos Lima da Costa

Secretário de Comunicação

José Paulo Tóffano

Secretário de Formação

Reynaldo Moraes

Secretário de Finanças

Vera Motta

Secretária de Assuntos Jurídicos

Marcos Belizário

Secretário de Assuntos do Executivo

Fabiano Carnevale

Secretário de Relações Internacionais

Shirley Torres de Araújo

Secretária Nacional de Mulheres

Mariana Perin

Secretária Nacional de Juventude

Dora Cordeiro

Secretária de Direitos Humanos e Diversidade

Roberto Rocco

Secretário de Mobilização

Kaká Verá

Secretário de Políticas Indígenas

Roberto Tripoli

Secretário de Direitos dos Animais

Ovídio Teixeira

Secretário Especial de Estratégias Eleitorais

Oswander Valadão

Secretário Especial das Cidades



Coordenadorias Gerais

Rudson Leite Norte	Marcelo Silva Nordeste I
Denis Soares Nordeste II	Fernando Guida Leste
Marcelo Bluma Centro	José Luiz Penna Sul

Membros

Eliane Ferreira da Silva	Ivanilson Gomes dos Santos
André Moreira Fraga	Carlos Antônio Menezes Leite
Cidineia Maria Fontana	Alexandre Zaratz Vieira da Cunha
Washington Rio Branco	Leonardo Jose de Mattos
Daniela Carvalhais de Almeida	Aloisio Antônio Andrade de Freitas
Aluizio Leite Paredes	Carlos Augusto Lopes da Costa
Teresa dos Santos Sousa Britto	Antônio Jorge Melo Viana
Francisco Caetano Martins	Henor Pinto dos Reis
Cleusa Rosane Ferreira	Julia Duppre de Abreu
Fernando Paulo Nagle Gabeira	Rivaldo Fernandes Pereira
Marcio Souza	Guaraci Fagundes
Regina Gonçalves	Francisco Antonio Sardelli
Jovino Cândido da Silva	Rogério Menezes de Melo
Marco Antônio Mroz	Ricardo de Oliveira Silva
José Roberto Tricoli	Claudio Turtelli
Eduardo Jorge Martins Alves	Marcello de Lima Lelis



DIRIGENTES PV MULHER

NACIONAIS & ESTADUAIS

Shirley Torres de Araújo

Secretária Nacional de Mulheres

Mariana Perin

Secretária Nacional de Juventude
e Membro da Executiva Nacional - SP

Carla Piranda

Secretária Nacional de Organização, Membro da
Executiva Nacional e Presidente do Diretório Estadual - RJ

Rosane Ferreira

Membro da Executiva Nacional - PR

Cidineia Maria Fontana

Membro da Executiva Nacional
e Presidente do Diretório Estadual - ES

Sandra do Carmo Menezes

Vice-presidente Nacional
e Presidente do Diretório Estadual - AL

Daniela Carvalhais de Almeida

Membro da Executiva Nacional - MG

Teresa dos Santos Sousa Britto

Membro da Executiva Nacional
e Presidente do Diretório Estadual - PI

Dora Cordeiro

Secretária Nacional de Direitos Humanos e Diversidade,
Membro da Executiva Nacional - RJ

Vera Motta

Secretária Nacional de Assuntos Jurídicos,
Membro da Executiva Nacional
e Vice-presidente da Executiva - SP

Eliane Ferreira da Silva

Membro da Executiva Nacional - AM

Leandre Dal Ponte

Coordenadora Regional Sudoeste - PR
e Coordenação Regional Curitiba - PR

Julia Duppré

Membro da Executiva Nacional - RJ

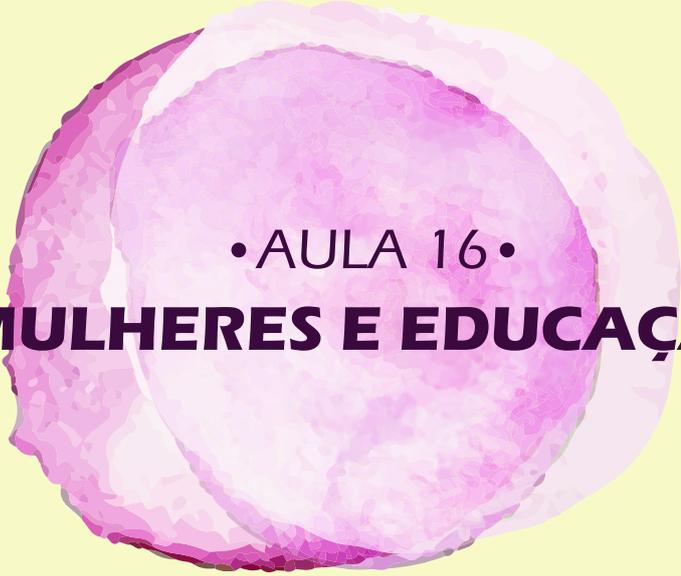


EXPEDIENTE

Conteúdo e Pesquisa
Patricia Kranz
Tatiana Wehb

Revisão Gramatical
Ludmilla Brandão
Bruna Presmic

Projeto Gráfico e Diagramação
Sagarãna Produções



• AULA 16 •
MULHERES E EDUCAÇÃO



MULHERES E EDUCAÇÃO



“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

A educação é uma ferramenta poderosa para a transformação social e o melhor investimento que um país pode fazer. A educação dá condições para que as pessoas conheçam seus direitos e participem da vida política e social, melhora as condições individuais e abre oportunidades. Só a educação pode prover as informações e a consciência indispensáveis para a incorporação dos valores, compromissos, atitudes e estilos de vida necessários a um futuro sustentável - com justiça social, prosperidade econômica e equilíbrio ambiental.

No mundo inteiro houve um esforço coletivo no sentido de melhorar o acesso de todas as crianças à educação formal e, também, de igualar o número de matrículas de meninos e meninas.

O Brasil avançou muito, de forma constante. Desde 1990, a ONU considera que alcançamos a universalização do ensino fundamental e não há mais desigualdade no acesso à escola entre meninos e meninas de 7 a 14 anos.

Na verdade, no quesito educação as mulheres brasileiras estão à frente dos homens. Se em 1990 para cada 100 homens em curso superior havia 126 mulheres, em 2012 já eram 136. Este avanço é explicado pelo melhor desempenho das meninas na educação básica.

Desigualdade

Mas existem diferenças. As mulheres mais velhas possuem menos tempo de estudo e taxas mais elevadas de analfabetismo e, assim, menos oportunidades no mercado de trabalho. As taxas de analfabetismo também são maiores entre as mulheres negras do que entre as brancas.

Em 2012, quanto mais elevado o nível de ensino, maior era a desigualdade entre mulheres brancas e mulheres negras. Enquanto 24,6% de brancas, de 18 a 24 anos, frequentavam o ensino superior, somente 11,6% das mulheres negras nessa faixa etária o faziam.

A desigualdade de gênero também impacta os meninos. Estudos mostram que o fracasso escolar e a evasão de jovens estão relacionados a referenciais de masculinidade que promovem a agressividade e a indisciplina, afastando os meninos das escolas e reproduzindo uma cultura da violência.¹

Analfabetismo

As políticas reduziram a quantidade de analfabetos no Brasil, mas ainda existem 13,4 milhões de brasileiros que não sabem ler ou escrever. Destes, 16,7% têm entre 20 e 40 anos e 45%, mais de 6 milhões, têm mais de 60 anos.

Em 2014, a população da área rural apresentava índices menores de alfabetização que a da área urbana e as mulheres tinham, em geral, a maior taxa de alfabetização entre a população mais jovem.

Já a partir dos 50 anos os homens estavam em melhor situação, mostrando a evolução do acesso das mulheres à educação nas últimas décadas. Assim, nas áreas rurais, a média de mulheres alfabetizadas era de 84,8%, mas entre as maiores de 70 anos, este índice era apenas 43,7%.

Educação e saúde

Segundo o relatório da ONU, *O Futuro que Queremos*, existe uma relação direta entre a educação e a saúde das mulheres, não apenas no que diz respeito ao seu bem-estar, mas relacionada à sobrevivência delas e das crianças. As mulheres com educação pós-primária têm cinco vezes mais possibilidades de saberem como se prevenir do HIV do que as mulheres analfabetas. Estimativas apontam que o aumento do número de mulheres educadas entre 1970 e 2009 evitou a morte de 4 milhões de crianças, de até 5 anos.

Desigualdade de Gênero

Onde está a desigualdade de gênero na educação no Brasil?

Não existem mais barreiras formais de acesso a nenhum curso superior ou carreira. Mas ainda vemos uma divisão de sexo e gênero que precisa ser vencida, para que seja possível equilibrar a participação de homens e mulheres em todos os cursos, superando as representações masculinas ou femininas do conhecimento e do trabalho.

¹ http://www.portal.abant.org.br/images/Noticias/Manifesto_Pela_Igualdade_de_Genero_na_Educacao_Final.pdf

Embora haja mais mulheres matriculadas em cursos superiores do que homens, as escolhas ainda são pautadas pelos lugares destinados socialmente a cada um, de forma que as mulheres são “naturalmente” encaminhadas para cursos considerados “femininos” que, no futuro, as levarão a profissões com remuneração mais baixa.

Em 2012, as mulheres eram 70% das pessoas matriculadas em cursos das áreas de Educação, Saúde e Bem-Estar Social e apenas 30% das inscritas em Ciências, Matemática, Engenharia ou Computação. O número de mulheres que optam por seguir uma carreira relacionada a Física e Engenharia, representa de 10% a 20% do total de profissionais no Brasil. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apontam que apenas 20,1% das pessoas que buscam o curso de Ciência da Computação são mulheres. Esta distribuição desigual evidencia a força dos estereótipos e como estes futuramente repercutem nas diferenças salariais.

É importante refletir sobre como as desigualdades de gênero nas instituições científicas influenciam o conhecimento nelas produzido. As mulheres naturalmente têm perspectivas e visão do mundo diferentes das masculinas, assim, ter mais mulheres no mundo científico irá produzir uma ciência diferente, inspirada pelas experiências femininas, tradicionalmente excluídas da produção científico tecnológica. É de se esperar, também, que passem a produzir mais conhecimentos de interesse direto as mulheres.

Muitas pessoas buscam tornar esta uma questão “natural”: características biológicas de homens e mulheres levariam ao desenvolvimento de habilidades e interesses distintos. Em 2005, o então presidente da Universidade de Harvard, Lawrence Summers, gerou polêmica ao recorrer justamente a esse argumento para tentar explicar por que há menos mulheres cientistas do que homens. O escândalo repercutiu internacionalmente e, somado a outros motivos, o levou a perder o cargo.

Olhando os dados sobre a concessão de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vemos que as mulheres estão bem representadas no acesso a bolsas de pesquisa nos níveis iniciais de sua formação acadêmica - 56,5% das bolsas de iniciação científica, mas têm sua participação reduzida nos níveis superiores, com 50,6% das bolsas de doutorado, são minoria entre bolsistas no exterior 45,1%, e compõem apenas 21,6% dos bolsistas de nível mais alto, aos quais o CNPq provê a Bolsa de Produtividade Sênior. Esta discrepância remete às mesmas dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho - as chances diminuem para as mulheres à medida que os cargos e oportunidades melhoram.

Neil deGrasse Tyson, importante cientista americano, vê semelhanças entre os obstáculos enfrentados por ele, um homem negro, e aqueles impostos às mulheres na ciência: “Eu sabia que queria ser astrofísico desde os 9 anos. Sempre que eu falava sobre esse interesse os professores diziam ‘você não quer ser atleta ou alguma outra coisa?’. Tyson diz que se o espanto ou a crítica de um único professor não é capaz de fazer um estudante mudar de ideia, a repetição - de forma mais ou menos sutil - ao longo de anos colabora com a construção da autoimagem e pode levar a dúvidas: ‘será que isso é mesmo para mim?’, ‘será que sou mesmo ou bom nisso?’, ‘será que vale investir meu tempo nessa área?’.”



AÇÕES

- Promover campanhas na mídia, sobretudo nas rádios, principal veículo de informação em áreas rurais, com informações referentes ao acesso à educação e sua importância na vida das mulheres.
- Promover o acesso a escolas no meio rural.
- Adequar o material didático e paradidático às condições de vida e de trabalho das mulheres adultas e idosas.
- Apoiar programas locais de formação de professores e demais profissionais atuantes na educação de jovens e adultos.
- Criar programas específicos para promover a alfabetização e ampliar a oferta de ensino básico para mulheres adultas e idosas.
- Adequar os programas educacionais às necessidades das mulheres, em termos de horários e locais de realização.
- Estimular a participação de meninas em programas voltados para a iniciação científica.

EXPERIÊNCIAS

Gestão Escolar para Equidade: Elas nas Exatas

Para contribuir com a redução do impacto das desigualdades de gênero nas escolhas profissionais e no acesso à educação superior das estudantes, o Fundo Elas lançou seu XX Concurso de Projetos, voltado para alunas de ensino médio e apoiará iniciativas desenvolvidas em escolas de todo o Brasil, em parceria com o Instituto Unibanco e a Fundação Carlos Chagas.

Ao todo, serão apoiados 10 projetos de escolas públicas e tenham como foco a redução do impacto das desigualdades de gênero nas escolhas profissionais, sensibilizando a gestão escolar e envolvendo alunas e alunos.

Meninas na Ciência

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul está implementando o programa *Meninas na Ciência*, que reconhece a necessidade de promover a presença das mulheres nos campos de ciência e tecnologia. As ações devem começar desde a educação básica, onde as primeiras expectativas de futuro e planejamento de carreiras são construídas, e continuarem no ensino superior, promovendo a permanência daquelas que já fizeram esta opção profissional.

Um elemento crítico para a baixa representatividade de mulheres na ciência é o desinteresse de meninas em idade escolar pelas carreiras nos campos de Ciência e Tecnologia (C&T) devido à imagem disseminada de que estes são espaços masculinos.

Assim, o objetivo geral do projeto é produzir e testar um plano de ação capaz de impactar de maneira sensível o interesse de meninas pela ciência e sua disposição para perseguir carreiras nesse campo. O plano deve estar voltado para consolidar a imagem de que os espaços de Ciência e Tecnologia são lugares que as mulheres podem e devem ocupar.

Uma vez testado, se bem-sucedido, o plano poderá ser replicado em outras instituições, com vistas a aumentar a quantidade de meninas que se candidatam a carreiras em Ciência e Tecnologia.

O plano de ação envolve: (1) realização de eventos (2) promoção de palestras e (3) produção de vídeos motivacionais para difusão de depoimentos destacando a realização profissional de mulheres nos campos de C&T.

O projeto tem levado a escolas palestras, vídeos e exposições para incentivar os alunos a debaterem questões de gênero e a refletirem sobre como influenciam a futura formação acadêmica e profissional.

O programa *Lugar de Mulher* veiculado na UNITV, canal 15 da NET Porto Alegre, integra o projeto *Meninas na Ciência*: “Mostramos jovens estudantes falando sobre campos como a matemática e a física. O objetivo é criar modelos”, afirma a professora Carolina Brito.

As observações da professora geraram o projeto A história se repete: mulheres na história da matemática, em que 25 meninas e jovens estudaram a história de quatro mulheres da área: Mary Everest Boole, Sophie Germain, Grace Chisholm e Florence Nightingale².

Alfabetização de Idosas

Em Portugal, foi desenvolvido um programa de escolarização de mulheres idosas, em parceria com municípios das regiões do interior. Os distritos que foram identificados contendo maior incidência de analfabetismo feminino foram convidados, pelo Ministério da Educação e Igualdade, para criar cursos de alfabetização para essas mulheres idosas, que estarão abertos a todas as pessoas interessadas. Uma outra medida é levar a alfabetização às casas abrigo da rede pública.

Fontes Consultadas

Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p.: il.

Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Relatório Anual Socioeconômico da Mulher. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, março de 2015. 181p.

Gênero e raça no orçamento municipal: um guia para fazer a diferença/Delaine Martins Costa, Andréa Barbosa Osório, Afrânio de Oliveira Silva. - Rio de Janeiro: IBAM/DES, 2006.

O Futuro que as Mulheres Querem. ONU. 2012.

Objetivos de Desenvolvimento do Milênio: Relatório Nacional de Acompanhamento. Coordenação: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília. 2014.

Observatório de Gênero - <http://www.observatoriodegenero.gov.br/>

2 http://www.ufrgs.br/meninasnaciencia/?page_id=9

